

15/07/2019

**É HORA de BRINCAR****Marcos Besserman Vianna**

[Pesquisador e Vice-Coordenador do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Todos já escutamos que sem esperança não existe o amanhã. Claro que viver é melhor do que sonhar.

Mas nesse mundo de tanta tecnologia e tanta informação, as pessoas que deveriam estar vivendo, estão sem tempo para nada.

Essa equação equivocada angustia a todos na contemporaneidade e vai nos desiludindo dia a dia.

Desiludidos, os italianos rumaram para o fascismo.

Os alemães tinham perdido a fé no sistema político da época e, desenganados, caminharam com o nazismo.

Para a criança manter a esperança precisa de estímulo. O maior sonho que elas têm é fantasiando: “quando eu crescer”. Mas até lá demora muito.

Então as crianças brincam. Nas brincadeiras morrem e renascem várias vezes. Casam, têm quatro, cinco filhos, depois separam e não precisam pagar pensão para ninguém. Os velhinhos e velhinhas, avós e avós, nas brincadeiras, não carecem de recursos financeiros, estão sempre aposentados e podendo viver numa boa... sem precisarem trabalhar até morrer como desejam os que despedaçam a Constituição Federal com a reforma da previdência. A brincadeira é uma necessidade.

Possibilita a criatividade e a autonomia.

Desenvolve a capacidade de compreender pontos de vista diferentes. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar.

Para imaginar e fazer planos é necessário ter esperança num porvir. Não só temos que brincar com as crianças para produzir e repassar conhecimento como também só através do lúdico confrontamos histórias de vida, visões de futuro. Para que aconteça a conversa, o diálogo, é imprescindível na mesa de bar, à beira da praia, e demais locais onde a brincadeira geralmente é permitida. Assim como as crianças, todos os adultos precisamos de brincar para poder sonhar, poder ter esperança num mundo diferente deste desenhado por arquitetos da destruição. Hitler foi assim denominado.

O arquiteto da destruição tinha grandes pretensões e queria dar uma dimensão absoluta à sua megalomania.

O nazismo tinha como princípio fundamental embelezar o mundo, nem que para isso tivesse que antes o destruir.

A utopia faz parte da estrutura histórica de homens e mulheres. Sendo utopia essa dimensão humana que transcende as realidades práticas, mas que mesmo quando presente no discurso diário não é percebido.

Assim, a utopia significa a ruptura do que é, o despertar, a inquietação, o questionar, o inconformismo com um determinado lugar ou posição em que se encontra.

Segundo o filósofo argentino **Enrique Dussel\***, são as vítimas, quando irrompem na história, que criam o novo. O sonho diurno é o que nos permite projetar o futuro, buscando o que não existe, mas poderá existir.

A utopia não é algo fantasioso, simples produto da imaginação, mas centrada no real tem a missão de reestruturar a sociedade. Obriga, de certa forma, os sujeitos a serem militantes, a se engajarem em mudanças concretas visando à nova sociedade.

Assim, a utopia se torna viável à medida que possui o explícito desejo de ser realizada coletivamente.

O que realmente conhecemos?

Qual é o fundamento do conhecimento?

O que podemos conhecer?

O objeto existe por si mesmo, ou somente na relação com o sujeito? São tantas as perguntas e é tanto o conhecimento já produzido e por produzir que seria muito angustiante não encararmos essas questões brincando. Para além dos pormenores do cotidiano, existem os sonhos. E todo mundo vive de sonhos.

Sonhos são fantasias. A fantasia é filha da liberdade.

Quantas fantasias incluem doença?

Se as pessoas puderem sonhar não sobra espaço para as doenças. Brincar é saúde. O brincar politicamente correto, com brinquedos certinhos, perfeitos, farão da criança um cidadão de acordo com padrões estabelecidos pela sociedade. Se a criança tiver acesso somente àquilo considerado perfeito pela sociedade, não terá liberdade para ser ela mesma. E a liberdade é um direito fundamental para o desenvolvimento segundo Amartya Sen. A vida inteligente é possível em muitos planetas, inclusive na Terra, se lidarmos com a brincadeira como necessária e transformadora.

Nos dias atuais, em determinados casos, é possível notar tanto alguns excessos quanto alguma suscetibilidade exagerada. Uma crítica ou sátira mais cáustica pode ser capaz de provocar uma discussão sem fim e gerar repercussões nos mais diversos meios. Claro que não devemos incentivar discriminações ou discursos racistas seja na vida seja no humor. Mas, se não pudermos brincar com a religião e a ciência, com homens e mulheres, política e cultura, papagaios e elefantes, profissões e cenas do cotidiano, o mundo continuará taciturno e as crianças não terão mais o “quando eu crescer”, pois será muito chato ser grande. ■■■

\* Conheça um pouco de Enrique Dussel ouvindo-o falar da descolonização cultural e o eurocentrismo em [https://www.youtube.com/watch?v=Q86\\_LPat-IQ](https://www.youtube.com/watch?v=Q86_LPat-IQ)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.